



Como as construções sociais influenciam as mulheres da área de agrárias

How social constructions influence women in the agrarian area

SANTO, Débora Agatha do Espírito¹; FERREIRA, Ana Paula ²; MARTINS, Ana Paula Borges³; CALBINO, Daniel⁴; ARAUJO, Heliene Macedo de ⁵

¹Universidade Federal de São João Del Rei *campus* Sete Lagoas, deboraagatha.es@gmail.

com; ²Universidade Federal de São João Del Rei *campus* Sete Lagoas, f.apaula@yahoo.com.br; Universidade Federal de São João Del Rei *campus* Sete Lagoas, anapaulaborgesufs11@hotmail.com;

⁴ Universidade Federal de São João Del Rei *campus* Sete Lagoas, dcalbino@ufs.edu.br;

⁵Universidade Federal de São Carlos, hmaengflorestal@gmail.com

Tema gerador: Mulheres e Agroecologia

Resumo

A fim de promover o diálogo entre mulheres e identificar as opressões vivenciadas no meio acadêmico, profissional e pelas mulheres que constroem a agroecologia, foi proposto uma Roda de Conversa com mulheres estudantes da área de ciências agrárias da Universidade Federal de São João del Rei/CSL. As maiores dificuldades constatadas foram (1) no contexto das ciências agrárias, a mulher continuar precisando provar quão são capazes de exercer inúmeras atividades, apesar dos salários menores em comparação aos homens; (2) a construção da sororidade entre mulheres com posicionamentos políticos e sociais distintos; (3) a continuidade de valores machistas dentro do movimento da agroecologia manifestado por assédios; e, (4) objetificação da mulher que estimula abuso e agressões. Conclui-se que a sororidade entre as mulheres se faz necessária a fim de contribuir para respostas aos questionamentos de como lidar com os abusos, assédios e preconceitos diários sofrido pelas mulheres.

Palavras-chave: machismo; feminismo; empoderamento feminino, sororidade.

Abstract

In order to promote dialogue among women and identify the oppressions experienced in the academic and professional milieu and by the women who construct agroecology, a Conversation Wheel was proposed with women students from the area of agricultural sciences of the Federal University of São João del Rei / CSL. The greatest difficulties observed were (1) in the context of the agrarian sciences, women continue to need to prove how they are able to perform many activities, despite the lower wages compared to men; (2) the construction of sorority among women with different political and social positions; (3) the continuity of macho values within the agroecology movement manifested by harassment; And, (4) objectification of the woman who encourages abuse and aggression. It is concluded that sorority among women is necessary in order to contribute to answers to the questions about how to deal with the daily abuse, harassment and prejudice suffered by women

Keywords: chauvinism; feminism; Female empowerment, sorority

Contexto

A atual sociedade que vivemos é constituída baseada em uma cultura patriarcal. Esta é um sistema social em que os homens mantêm poder, atuam predominantemente em funções de liderança, possuem privilégios sociais e se constituem em uma autoridade



sobre toda a sociedade. Essa centralização de privilégios nos homens, se manifesta cotidianamente em valores machistas que geram inúmeras opressões, destacando a opressão de gênero. Esta é caracterizada por agressões emocionais, físicas, morais e psicológicas ao gênero feminino. A situação de violência é tão intensa que devido as solicitações das mulheres que ao sofrerem violência e ao denunciarem nas delegacias comuns não eram adequadamente atendidas, há 32 anos atrás, foi criada, no Estado de São Paulo, a primeira delegacia da mulher. Contudo, a violência contra a mulher não diminuiu, sendo que em 2006 foi promulgada a Lei n. 11.340 popularmente conhecida como “Lei Maria da Penha” que garante a proteção as mulheres diante de qualquer violência sofrida. Como mencionado, a opressão e a sua manifestação através do machismo não se caracterizam somente pela violência física, mas também abrange todas as dimensões humanas e também está inserida em todos os espaços de convivência social sejam eles educacionais, profissionais, políticos, dos movimentos sociais, entre outros. Esta situação é pouco mudada, uma vez que o tema ainda é tratado como tabu e a visão histórico-crítica dessa realidade é pouco compreendida. Nesta perspectiva, de promover o diálogo acerca do tema e identificar as opressões vivenciadas no meio acadêmico, profissional e pelas mulheres que possuem um posicionamento crítico acerca do modelo de produção do agronegócio e constroem a agroecologia, como também buscar soluções coletivas que visem a superação dessa condição de opressão foi proposto uma Roda de Conversa com mulheres estudantes da área de ciências agrárias da Universidade Federal de São João del Rei.

Descrição da Experiência

A discussão iniciou com o seguinte questionamento: É perceptível que são poucas as mulheres que trabalham com a parte de práticas em campo, sendo que das que trabalham na área de agrárias ocupam mais cargos administrativos, uma vez que se é menos exigido fisicamente. Em contrapartida, os homens não aceitam, em geral, facilmente orientações e ordens de mulheres, criando assim um ciclo de dificuldades de atuação da mulher dentro da profissão. Em seguida, cada mulher expôs sua opinião e vivência.

Foi relatado que todas as presentes sentem preconceito por serem mulheres e trabalharem em campo, e que todas, de alguma forma, já foram penalizadas ou afastadas de trabalho de campo simplesmente por serem mulheres. Uma das participantes afirmou “A discriminação é disfarçada, tanto pelos professores quanto pelos alunos”.

Essa situação é fortemente percebida dentro de sala de aula em que o machismo se manifesta quando professores rotulam e determinam as atividades desempenhadas pelas alunas pelo fato de serem mulheres. A maioria das participantes relatou casos



em que foram impedidas pelos professores de atuar em serviços de campo. Várias delas citaram também que quando desempenhavam tais atividades eram questionadas quanto a capacidades delas em concluí-las.

Foi explicitada também a relação das atividades de campo com questões de classe e condição financeira, como ouviu uma das participantes: “se for pobre tem que pegar na enxada, mas se for estudada não pode”. A família, da maioria delas, reproduz esse discurso como, por exemplo, em outras falas: “você é Maria-homem”; “isso não é coisa de mulher”; “esse tipo de serviço não é para você”; “você é mulher, não vai conseguir fazer isso”; mostrando que uma das faces do patriarcado é, além do machismo, o preconceito a questões financeiras e de classe social quanto ao tipo de trabalho deve exercer a mulher, colocando sua capacidade em dúvida e dependendo da classe social que a mesma participa é colocada em uma condição subalterna, inferior, ruim e indesejável.

Em continuidade à discussão, foi citada que a questão de opressão gênero fica ainda mais complexa quanto ocorre em conjunto com outros fatores geradores de preconceito como vinculadas a raça, orientação sexual e orientação de gênero. As mulheres quando são negras, homoafetiva ou quando as opções de gênero não se enquadram na construção social tradicional binária e heteronormativa, estas sofrem duplamente, com o machismo e com o preconceito. Uma das integrantes, sendo negra, disse se sentir diversas vezes sozinha, sem apoio, na defesa dos negros. Uma das participantes lésbica expôs a sua angustia diária na vivência dentro da universidade, com rejeição, preconceito e desprezo por parte dos alunos da instituição.

Convém dizer que, a opressão de gênero não é exclusiva exercida pelos homens, uma vez que os valores da sociedade patriarcal são compartilhados pelo conjunto de toda a sociedade, inclusive, sendo praticada por muitas mulheres. A mesma situação acima de preconceito vinculado a orientação sexual foi exposto na discussão por uma das participantes, quando relatou a expulsão de uma das amigas de uma república feminina quando a mesma assumiu sua orientação sexual homoafetiva.

É percebido, também na universidade, diversos grupos com posicionamentos e valores distintos formados que distanciam e desunem as mulheres, dificultando o processo de discussão da temática e do empoderamento das mesmas. Foi relatado pelas presentes que participam de grupos de estudo em agroecologia que uma das dificuldades enfrentadas é o estabelecimento do diálogo com mulheres de outros grupos de estudos que possuem posicionamentos a favor da agricultura convencional. Essa falta de



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



diálogo impossibilita a sororidade. Esta possui uma dimensão ética, política e prática e consiste na união entre mulheres e é um dos princípios básicos do feminismo, uma vez que busca, através do companheirismo e empatia, atingir objetivos comuns.

Outra dificuldade apontada pelas participantes dos grupos de agroecologia foi referente aos questionamentos feitos em sala de aula a respeito do impacto da agricultura convencional no meio ambiente, povos tradicionais, manutenção dos recursos naturais e na sociedade como um todo. Ao fazerem esses questionamentos, as participantes sentiam, que por serem mulheres, os professores que já possuem posicionamentos claros a favor do agronegócio, as silenciavam utilizando de ironias ou simplesmente as ignorando, sendo o silenciamento mais uma das facetas do patriarcado e do machismo.

A respeito dos abusos e assédios diários foram incontáveis os exemplos. Chamou muita atenção que as participantes dos grupos de agroecologia relataram situações em que sofreram assédio físico e moral dentro do grupo de agroecologia local, como também em atividades realizadas pelo movimento da agroecologia, e, por profissionais que trabalham com agroecologia e extensão rural. Mostrando que, o machismo está também presente no movimento da agroecologia, mesmo por aqueles homens que se demonstram serem mais abertos e que desejam construir uma sociedade diferente, tornando mais verdadeira a necessidade de se expor o que acontece nos bastidores do movimento da agroecologia para que as mulheres se unam e busquem soluções conjuntas para a superação dessas situações, pensando, também, na educação comportamental dos envolvidos.

Foram debatidos os diversos tipos de reação nas situações e chegou a um consenso de que as reações são relativas e que não se cabe julgar se foi correto ou não, mas que, o mais importante, a partir dessa discussão, foi a conclusão de que é preciso que as mulheres se unam mais, compartilhem os medos, as angústias, como também criem formas de superar essas situações uma auxiliando a outra. Ao final, foi realizada uma mística, um momento em que se utilizou da leitura de um texto, do canto de uma música para através da arte inspirar o caminho de superação da opressão da mulher. A roda de conversa foi finalizada de forma amorosa, com um abraço coletivo, para através do ato do abraço acalantar todas as mulheres, tendo consciência de que, identificar e mostrar todas opressões vivenciadas não se realiza de maneira fácil, pois se verbaliza dores sentidas, como também se identifica situações de opressão que até então não eram percebidas e o abraço tem a função de mostrar que não se está sozinha.



Análises

Com os relatos acima descritos se percebe que os desafios para a superação das condições de opressão de gênero, sendo manifestadas através do machismo, preconceitos e violências cotidianas está presente nas ciências agrárias e no movimento da agroecologia. O tema ainda é pouco discutido e na maior parte dos casos é ainda desconhecido pela ampla maioria das mulheres, principalmente, para aquelas mulheres que se encontram em situação de opressão e sequer conseguem identificar sua condição.

A opressão ocorre o tempo todo, seja exercido por homens ou mulheres, quando em sua cultura de valores é profundamente arraigado os valores patriarcais e sempre sendo transmitido as novas gerações, difundindo uma cultura em que se coloca, inclusive, em risco a mulher, foco dessa Roda de Conversa, através do crescente número de feminicídios, estupros e agressões físicas e morais. O preconceito e machismo ocorrem quando se define quem são “moças de família” e quem não são; quais hábitos devem seguir; o tamanho da roupa vestir e dependendo se merecem ou não serem abusadas física e moralmente; dentro da profissão de ciências agrárias quais atividades cabe ou não a mulher exercer; quando são ignoradas e silenciadas em seus questionamentos; quando definem qual gênero se deve amar e se relacionar; pelos assovios, cantadas, expressões que homens machistas insistem em dizer sem ter base material nenhuma que mulher gosta de tais atitudes e somente agem dessa maneira por compreender a mulher como um objeto; e, quando dentro da agroecologia sofrem assédio pelos próprios profissionais do ramo.

Para concluir, as maiores dificuldades constatadas nessa Roda de Conversa foram (1) no contexto das ciências agrárias, a mulher continuar precisando provar quão são capazes de exercer inúmeras atividades, apesar dos salários menores em comparação aos homens; (2) a construção da sororidade entre mulheres com posicionamentos políticos e sociais distintos; (3) a continuidade de valores machistas dentro do movimento da agroecologia manifestado por assédios; e, (4) objetificação da mulher que estimula abuso e agressões.

Ser mulher na sociedade patriarcal não é fácil, mas muito já se lutou pela superação da violência, da opressão e da conquista de direitos. O cotidiano e as vivências de ser mulher e ainda ser profissional das ciências agrárias, homoafetiva, negra, ter um posicionamento de construção da agroecologia como um modelo de agricultura, mostra que muito ainda tem que se lutar. Para tal, a sororidade entre as mulheres se faz



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



necessária a fim de contribuir para respostas aos questionamentos de como lidar com os abusos, assédios e preconceitos diários sofrido pelas mulheres e também superar tais situações.

Agradecimentos

Este trabalho é pela luta diária de todas as mulheres, por tanto agradeço em primeiro lugar a todas as mulheres que se disponibilizaram a participar e contribuir com o trabalho. Agradeço ao professor Daniel pelo apoio e orientação na elaboração do presente trabalho e por fim agradeço a ajuda da minha irmã no processo de escrita deste trabalho.